



VILA DE SANTA CRUZ DA GRACIOSA

DA TERRA E DA GENTE

I

DA terra onde agora jazo, docemente se conta que os descobridores, ao vê-la, foram tomados de admiração pelo aspecto dos campos, *chamando-lhe todos Ilha Graciosa porque o é na vista que tem, verde e quasi chã e pouco montuosa, e tal appareceu aos que este nome lhe puzeram pela ver tão bem assombrada e quasi raza, sem montes altos e grandes e vulcão, nem caranca... (1).*

(1) DR. VELHO ARRUDA—*Colecção de Documentos*, cit., pág. 107.

Recolhendo pouco diversa tradição dêste baptismo dado pelos homens do Infante, o Padre Maldonado lhe attribui o nome de Ilha Branca, pela uniforme e alva tonalidade das ervagens com que, em fim de verão, se teriam encantado os olhos dos primeiros exploradores que para ela vieram, subindo do ancoradouro do Carapacho, atravessando planícies e montes desarborizados.

Fôsse como fôsse, desde que a viram, os Portugueses parece que ficaram fiéis ao seu primitivo deslumbramento, pois nunca lhe deram nome de santo padroeiro, como às outras ilhas do Arquipélago aconteceu. Crê-se geralmente que esta povoação fôra chamada Santa Cruz, por terem desembarcado os navegadores em alguma das suas calhetas no dia da festa da Invenção, a 3 de Maio de um ano incerto. Mas tal opinião, se em nenhum documento se baseia, reduz-se a simples conjectura, tornando-se insubsistente.

Terra da Vera Cruz chamaram os mareantes ao Brasil, descoberto em 23

de Abril; Santa Cruz há nas ilhas das Flores e da Madeira, e em Tenerife das Canárias; na costa de Marrocos, lá tivemos Santa Cruz do Cabo de Gué, e por outras paragens portuguesas de além-mar, êste nome, tão usado no Reino, se deve ter repetido, sem atender aos litúrgicos dias da Invenção ou da Exaltação.

Seriam demasiadas coincidências que só por milagre se explicariam. Para sugerir êste nome, bastava a consagração que das novas terras se fazia a Deus, alevantando para a celebração da missa nos areais ou à beira do mato virgem, o simbolo da fé cristã.

Santa Cruz da Graciosa derrama-se pelo sopé de altos mamelões vulcânicos, bem modelados, que Chateaubriand comparou a ânforas etruscas, quando neste pôrto esteve fundeado o seu navio, em escala de viagem para a América, depois da Revolução Francesa, em Maio de 1791.

Ficaram-lhe na lembrança êstes outeiros viçosos, cobertos de searas e de ervas rescendentes, repartidos em talhões regu-

lares, divididos por paredes escuras e brancas, feitas com pedra de lava.

A vila demora em terrapleno, à borda de água, e para abranger horizontes largos, é necessário subir ao miradouro do Monte da Ajuda, de onde, em dias claros, se avista o vulto da Terceira, e logo os olhos se alongam mais pelo Oriente, sôbre o jardim de espumas do mar, à procura de Portugal.

Aqui se abre o aro da velha cratera, revestida de arbustos, agora pacificada pela branca bênção de três ermidas, e pela qual se abateu no abismo o raivoso e inflamado furor de que êstes montes foram nascidos, como brinquedos de Plutão.

Por todo o declive, alastram vivamente as faias e o incenso florido, em cordas de esmaltada verdura, a alternar com as lenhas das roças para o lume dos lares e dos fornos de pão.

Olhando para a vila, bem quieta em seu assento, vê-se agrupada à volta das araucárias da praça, que levantam para as nuvens o seu louvor ao sol.

Depois, dispersa-se em braços brancos e desiguais de casas, a acompanhar caminhos saintes, como se tôda ela fôsse um polvo petrificado, que da banda do mar aparece bem recortado, em rochas e calhetas ásperas, a dar entrada e varadouro a barcos de pesca, com mau abrigo de ventos e de resaca.

Por aqui e além, avultam sôbre os telhados pardacentos, as tôrres da matriz, da misericórdia e do convento de São Franciscô, velando os lugares de capelas já demolidas pelo tempo ou pela impiedade, e de que mal se ouvem os nomes em ecos de distância, São Sebastião, São Pedro, Santo André. E à ilharga do pôrto, o pequeno santuário do Corpo Santo, onde a fé dos marítimos do bairro venera Sant'Elmo ou São Pedro Gonçalves, consagrando ali o culto antigo aos padroeiros mais invocados pelos pescadores da costa de Portugal.

De uma e outra parte da terra, desdobram-se os talhões cultivados, a vicejar

por medidas enregaduras, abertas a passo de bois tão disciplinados nos caminhos do trabalho, que, ao contrário de muitos humanos, não conhecem desvios de linha curva. . . E por todos os lados se agrupam os cerrados de paredes escuras, abrigadouros de terra lustrosa, sempre bem alinhados, a formar quadriculos.

Estendem-se êsses tapêtes de retalhos multicores, vermelhos aqui, amarelos, verdes além, e com tanto esmêro desenhados que parece nêles entrarem sômente as mãos dos homens, para tecer estas rêdes coloridas, porque o animal seria ali dentro o tumulto, e tôda a pègada humana, violência ou profanação.

Êstes currais, na expressão do povo, impostos pela experiência do clima, servem de anteparo contra os requeimantes bafos do vento salino e contra a fúria dos tufões, protegendo as videiras, a horta e as novidades de Primavera. E assim se prolongam insistentemente para a linha de água, até ficarem franjados pelas inquietas rendas em que o mar ergue nos

braços a terra da Ilha, para a oferecer ao céu, em dias serenos.

Daqui se contempla a evocadora Terra da Rosa, de encantada fragrância, a Serra das Fontes, varanda para as outras ilhas, as alturas do Quitadouro e do Pico do Facho, do Rebentão e dos Funchais, os vinhedos afamados do Barro Vermelho, da Achada e do Jardim, por onde se erguem como lamentos, as senhoriais ruínas dos nobres solares de algum dia.

E pelo rés de água levando os olhos, a face rude do Pico Negro, o Farol Novo, as várzeas vizinhas da Esperança e da Vitória, para virem encontrar, quietas e cismáticas, as casotas brancas das Covas (1) e das Fontes sôbre o caminho de

(1) Com a designação de *Covas* são freqüentes os topônimos nas Ilhas, devendo êles provir dos celeiros ou silos subterrâneos que desde a época romana, no Continente se destinavam a guardar os cereais de reserva para os anos escassos ou para o consumo normal.

Eram as chamadas *covas de pão* a que se referem vários documentos da nossa Idade-Média.

Guadalupe, aquela doce póvoa que para além descansa, em calma e fértil planície, de onde mal se espreita o mar.

O olhar perde-se de enlêvo, de vale para monte, da água aos campos, como se andasse erradio à procura de repouso, para mais não ver.

Aqui bem se compreende a comoção do poeta da Vila-da-Praia, António Gil, quando há perto de um século, em voz de romântica exaltação, ia cantando o louvor da sua ilha:

*Ei-la surgindo mimosa
Das águas do fundo mar,
Rainha leda e garbosa
No Atlântico a reinar!
Esmeralda dos Açores,
Lindo açafate de flores,
Feitiço de mil primores,
Berço gentil de amores!*

Pela costa, eriçada de caprichos, ainda agonizam panos de muralha com alguns cubelos, atesiando mudamente o pertinaz cuidado na defesa da terra con-

tra assaltos de piratas argelinos ou agressiva cobiça de imperialismos estrangeiros. Revela-se o sistema de fortins seiscentistas, a cobrir os dois portos da vila, o da Barra, a Nordeste, pelo reduto de Santa Catarina, o da Calheta pela artilharia do morro do Corpo Santo, da parte do Norte.

E o mesmo intento se afirmava na vigilância da Vila-da-Praia pelo alarme dos Fanais, enquanto as povoações do interior se protegiam com possibilidade da defesa militar dos seus ancoradouros, o Afonso do Pôrto para Guadalupe, os abrigos da Folga e do Carapacho para os povos da Luz.

Assim, cada terra foi abrindo a sua porta para o mar, ou cada pôrto a sua terra designou, estabelecendo noutro tempo a vida de relação inter-insular ou oceânica em varinéis ou veleiros de pequeno calado e fácil perigo de naufrágio.

Dentro de uma ilha, pode um observador continental bem compreender nestas gentes o seu amor ao mar, o feitiço da insularidade, amor cego, rendido, inven-

cível, porque das águas lhes vem meio sustento, nas ondas se abrem as estradas que a vida mais larga conduzem, os caminhos de outras terras e de novos destinos. E com incessante alternativa, os olhos vêem a planície e os castelos líquidos, alevantando-se para além dêles, nuvens de esperanças e ilusões, sem as quais a vida não passaria de morte acordada...

Para os que nasceram cativos em água, a sedução do mar tem as raízes no instinto, as asas do desejo de andar por longe ou de subir na altura, foram as velas e o fumo dos navios. O mar que se arroja, como encrespado monstro, contra a defesa dos rochedos, ameaça arrebatrar ou desfazer a ilha em temeroso desvairo.

Mas é também êle o dispensador de carícias que lânguidamente a festeja, depondo-lhe aos pés a riqueza dos tesouros ou a graça das rosas de água que se abrem em sorrisos de tentação e logo se desfolham aos trémulos beijos do sol e dos astros da noite. O mar é a vida das vidas dos ilhéus, o seu fiel amor, amor

de perdição para tantos que nêle se afogam e ficam boiando de olhos abertos, a receber ainda na alma o fulgor das estrêlas...

II

Na Ilha Graciosa não há ribeiros, nem perpétuas nascentes de água doce, mas fonte é palavra impetuosamente repetida pela gente de Santa Cruz, à maneira de esconjuro contra o flagelo da sede que vem obrigando as gerações de cinco séculos a recolher a água pluvial na própria casa, dentro de cisternas, como se guarda o vinho em cubas.

Ao sol do verão, mais fácil será obter um litro de vinho do que um copo de água potável de confiança, se a fervura não a tiver purificado.

Desde sempre, a conquista da água da vida aqui se alcançou pela persistência do esforço dos habitantes, o que mais

nos obriga a admirar o espírito colonizador dos Portugueses que para aproveitar e alargar os domínios da riqueza, da Coroa e da fé de Cristo, nesta ilha se estabeleceram e fixaram, para viver em constante receio, à lei do sacrificio.

Assim já não nos surpreende tanto a heróica lição dos moradores de Aden que nas cisternas da fortaleza tinham de guardar a água por anos inteiros de completa estiagem, à espera que o céu de novo os socorresse em extremos de angústia.

Já por 1507, na descrição de Valentim Fernandes Alemão, se escreve das Ilhas dos Açores: *Ellas tem muytas agoas e boas salvante ha ylha do fayal e o Pico e a Graciosa som falecidas dagoas por nom serem em tanta avundança como as outras, porém abasta para todo pello qual todas tem criaçam de muytos gados e em todas ha muyto pastell e muyta urzel.*

Pelas palavras do texto que aí fica, se exprime a tradicional resignação da gente da Graciosa que até hoje se manteve

pela consideração do invencível, embora moderada esteja a escassez por algumas obras públicas a que deu o primeiro impulso, há um século, o bom beirão José Silvestre Ribeiro, governador civil de Angra do Heroísmo.

Mas ainda agora e por muitos anos futuros, quem quiser água certa no estio, deve ajuntá-la em casa durante o inverno; senão, terá de sujeitar-se à condição de mendigo do vizinho, quando no depósito geral se chegar a descobrir o lôdo do fundo. . .

A providência do govêrno da casa de cada um, a vila a seguiu no cuidado do consumo público. Em tempo imemorial, foram cavados na praça ou rossio principal, dois grandes reservatórios, contíguos e incomunicáveis, um para gasto da gente, outro para bebedouro do gado. Assim, de manhã e à tardinha, para êle vão correndo em grupos, vacas com ponteiros amarelas a adoçar os bicos dos chavelhos, seguidas dos gueixos alegres, jumentos sonâmbulos, cabras retorcidas

pelas peias, ovelhas rastejantes, de espessos velos.

Nesses pauis é recolhida a água da chuva que não se aproveita dos telhados e a que nas ruas corre por todo o ano, sempre que as nuvens acodem à sede geral, evitando o arraçoamento dos depósitos. Como em Santa Cruz e nas outras povoações da Graciosa não há casa sem telhas, também não haverá telhado que não se ligue por goteiras e canos à cisterna. Desta sorte os moradores são levados à certeza de que, verdadeiramente, a água nasce do céu e não da terra, desconhecendo-se de todo nesta ilha, no meio de tantos dons, o encanto das nascentes em seu fiel rumor.

Por tal destino, não aparecendo nas encostas e nos vales a água nativa, durante o verão, ninguém aqui procurará descobrir e gozar a poesia das fontes, as sedutoras Náiades nunca podem ser nelas vistas, a anunciar promessas, a rir e a folgar...

Como nas outras ilhas do Arquipélago, trabalhos relembrados ou des-

conhecidos, força de braços e energia de almas deram durante séculos à glória do Reino, êstes testemunhos de criadora expansão. Aqui se foi renovando e multiplicando com limitada transfusão forasteira, o sangue heróico dos povoadores, pelo qual se oferecem hoje à leviana curiosidade de turistas e à mediação de desterrados, êstes agrupamentos pacíficos, com ânímos sofredores, com perfeita suavidade de maneiras e a permanente doçura de almas.

Olhando para a lida diária em que vive e se consome a gente popular que nunca saiu nem sairá da sua Ilha, mais do que em nenhures aqui se verifica a exactidão da sentença de Barrès:

La terre est une discipline et nous sommes les prolongements des morts. As vidas decorrem no abandono cósmico, mais do que em resignação cristã que a voz da Igreja aos fiéis ensina e aconselha todos os dias.

Nos casos em que os outros Portugueses barafustam, clamam, ou reagem

pela fôrça e exaltado protesto, contra desmandos, ilegalidades e desgovernos, êstes ilhéus calam-se, confiam e esperam, sem saber em quê. Entre as suas aspirações, as suas comodidades e a sua justiça, está o Mar. E se o navio, para chegar, abre um traço de união pelas ondas, logo outras vagas que se levantam, o dissolvem e o fazem esquecer. . .

Não as acordando para os altos deveres de patriotismo a que sempre foram exemplarmente fiéis, as populações insulares, talvez tôdas, vão procurando resolver em labuta ordeira a equação da vida com o destino, vergadas para a terra, ao rumor do vento e do mar.

E à voz do sino que lhes tocou ao baptismo, dispõem-se a suportar os trabalhos e misérias da humana condição, até repousarem à sombra da cruz, esperando a vida do futuro século.

Quem aqui não é ninguém, e nenhum dever obriga a consumir as noites e os mais longos dias de um tempo que tanto demora a passar; aquêle que dolorosa-

mente se preocupa de não ter ocupação, mata a ociosidade a ver trabalhar os outros, grandes e pequenos, utilizando a fôrça e docilidade dos bovídeos, cavalos, burrinhos e dos próprios cães. Se noutras ilhas, bem adestrados, os caninos conduzem cêstos de compras ou leves volumes de recados, aqui vão puxando pequenos carros de lenha ou de água, duas preciosidades na economia da terra.

A expressão figurada *cão de boa-vida* para censurar a preguiça de um homem, não teria aqui sentido, porque além do trabalho e vigilância da guarda, pedem-se aos cães regulares serviços de transporte.

Êles os executam com silenciosa submissão, talvez reflectida das almas dos donos, cujas dificuldades e pobreza parece que bem entendem e sentem, para as partilhar com acerba melancolia. . . Ei-los que passam de olhos turvos e língua caída, arrastando os carros sôbre a bagacina das estradas e sôbre as pedras da rua.

Assim, para luxo ou recreio, não há cães nesta vila dos Açores. A ajudar o

homem, êles guardam, caçam e forçam os músculos para ganhar o sustento, como se, por mais lata interpretação das palavras do castigo bíblico, também os cães aqui fivessem de comer o pão com o suor do seu rosto. . .

Não é para tentar ambiciosos de riqueza esta pequena ilha, apenas maior do que o Corvo, havendo já atingido o máximo de densidade para os seus recursos, embora o solo seja particularmente fértil em vinho, gados e cereais.

Seria muito útil que a intervenção das estações oficiais aqui valorizasse, por necessária selecção, as castas dos gados e alguns produtos da terra, obtidos agora por velhos métodos, com experiência não esclarecida. Do vinho que é ainda abundante e muito apreciado foi sempre, pouco se exporta actualmente, pela inibição de altos impostos e as encontradas conveniências da Ilha Terceira que já existiam há mais de meio século. . .

Êste conflito de interêsses anula praticamente a unidade económica do agre-

gado administrativo, e vai desmentindo a coordenação dos esforços neste regime de autonomia, conquistada em decênios de campanha, com tanto gasto de tinta e de saliva. Pelos sobressaltos de tal desarmonia, ensombram-se agora na terra os melhores sorrisos de abundância.

Em tão perturbada economia agrícola, não podem existir reservas para compensar os anos maus, o que impede a generalidade da população de suportar os efeitos da crise presente em que famílias aos centos iludem a fome, a comer só couves cozidas ou sopas de funcho, sem tempêro. . .

Esta e outras ilhas, se Portugal as descobriu e como filhas as criou em longa vida histórica, é de urgente providência mantê-las na mediania asseada e farta, para que não percam a exemplar reconciliação da vida e do trabalho que na jornada de cinco séculos sempre nelas admiravelmente se afirmou.

Se a crise é de excessiva população, louvores devemos a Deus pelo progressivo

aumento dos rios de sangue portu-
guês, sendo já tempo de abandonar êsse
quási exclusivo recurso emigratório para
terras da América, quando os planaltos
da nossa África continuam à espera dos
bons casais que os cultivem. Nunca deixo
de insistir neste desígnio, pois temos tam-
bém de reconhecer nessa ocupação paci-
fica, o único meio de guardar e defender
a terra que lá herdamos.

Não é bom serviço nacional deixar
perder a alegria nas vagas da miséria, ou
desconhecer o perigo moral e político de
afundar esperanças em pélagos de infor-
túnio, para que não se obriguem as famí-
lias dos que mais trabalham, a descreer da
sua sorte de portugueses.

III

Censuram de poupados e somílicos
os açorianos. Se em tal conceito há,
como julgo mais uma vez, o prejuízo e

erro da generalização, também facilmente
se observa que nêles não dá pontapés a
fortuna: o seu dinheiro não provém de
assaltos ou jogos de banca suspeita, mas
chega-lhes às mãos por esforço efectivo
e penoso, por vitórias de batalha sem
fim. O trabalho dêles é suor e sangue, e
no sangue tem sua fonte a própria vida.

A laboriosidade da população desta
ilha é uma virtude herdada e mantida
com o respeito de um rito.

E enquanto os homens lavram, se-
meiam, acariciam, lustram e abrigam a
terra com desvelos de jardineiros, as suas
mulheres guardam a casa e os berços,
mantêm o lume dos lares, sem que o
labor dos campos as distraia dos deveres
que lhes são próprios, conforme a salutar
tradição latina e portuguesa.

Sobrevive aqui, por hábito de boa
ordenação da família cristã, o sonhado
ideal que nos meios urbanos agora se
prossegue como conquista avançada, a
remediar os destroços da dissolução indi-
vidualista do último século.

Por estreiteza do meio ou por disposição da natureza, aceita-se correntemente a nubilidadade das raparigas com bonecas nas mãos e tranças nas costas. E é para considerar se a depressão, o esgotamento que se revelam no aspecto físico da gente, deverão atribuir-se só às seculares consangüinidades ou também ao êrro de terem as mães dispendido precocemente pelos filhos as energias que deveriam pertencer ao seu natural e pleno desenvolvimento.

Assim, quási não há adolescência feminina, passa-se da puerícia para a idade adulta; e quando os vinte anos se chegam a completar, já alguns filhos converteram as jovens progenitoras em cansadas mulheres no outono da vida.

Como em muitas terras do domínio nacional, a população aparece exausta, por causas remotas, e pode ser que por causas presentes também. Mas a tal estado de decadência é urgente dar combate, como primeiro cuidado do Poder Público, em signo de suficiência,

de prosperidade ou de pobreza, para não se converter em destino aceitável a mortal ruína dos Portugueses em Portugal.

Não obstante os sintomas da crise geral e da amargurada conformidade com a miséria presente, por falta de emigração, de trabalho e pela escassez do ano, a gente popular da Graciosa e das outras ilhas, creio, é muito mais civilizada e doce do que a das terras de igual categoria no Continente. Maior zêlo se lhe observa também no arranjo interior das casas, no cuidado e apresentação das pessoas.

Há correcção, gravidade, confiança em quem fala. Mas, pelo que aos homens respeita, não se pode dizer que vá da cabeça aos pés o esmêro da sua postura, porque a maior parte dêles, por campos, estradas e ruas, sempre caminham descalços. E por entre os seus passos abafados, ouvem-se ressoar velhos nomes enobrecidos pelos primeiros capitães e povoadores da Ilha Graciosa. . .

A fundamental razão da economia não explica o mau uso do pé descalço,

porque haveria o recurso dos tamancos, e para os acabar na perfeição, seriam aptos os açorianos que em tantos artefactos se revelam inteligentes e industriosos. A benignidade do clima que não força a abrigar os pés, a ausência de bichos venenosos, a labuta constante na terra que aliás não é regada, a teimosia de velho hábito—será a verdadeira causa alguma destas razões?

Confesso não descobrir justificação aceitável para tal prática que, se confere direitos e honras às formas da anatomia humana e reproduz um espectáculo natural em populações de vida marítima, torna-se estranho e feio em terras de actividade predominantemente agrícola.

E se os homens gostarem de mostrar os seus pés, que tem um forasteiro com tão inofensiva vaidade? Nada, por certo. Com isto não enfado mais, e aqui em público prometo não tornar a desejar ver com sapatos os aldeões abastados ou até rapazes que já presumem de elegantes...

No relance histórico que se tente, a envolver estas ilhas, a neblina dos séculos rasga-se para nossa renovada admiração por tantos testemunhos de criadora energia, pela qual a Nação Portuguesa foi cumprindo o seu destino de mãe de nações nestas escolas de audácia e de sacrifício.

Para a eternidade dos mundos, a Pátria foi renascendo nas distâncias à voz do Infante D. Henrique, êsse tenaz sonhador de realidades que trocaria o quieto enlêvo das certezas da Terra pela misteriosa tentação do Mar.

Por estas herdades atlânticas, nascidas das convulsões do fogo, durante milénios incontados, as flores foram abrindo para o sol que as criava, e por privilégio e destino providencial, ficaram sempre esperando o dia jubiloso em que as mãos de nossos avós as colhessem para o altar da primeira oração em louvor e glória de Deus verdadeiro.

São expressivos o zêlo e fervor de crmandade, revelados no testamento

do Infante, para a organização eclesiástica das ilhas dos Açores, e as últimas disposições para o sufrágio e bem da sua alma.

Essa constante obra de apostolado denuncia o alto espírito da nossa expansão oceânica e ultramarina, pela qual ao céu se procurava restituir o que Deus-Criador ia dando pela maior e melhor parte das terras descobertas.

Se é certo não ter havido da época henriquina colonização na Graciosa, como afirma um erudito historiógrafo açoriano ⁽¹⁾, porque os documentos não a comprovam até ao ano da morte do Infante (1460), também não seria fácil o povoamento pecuário por êle ordenado para tôdas as ilhas e que nelas tinha de preceder, de alguns anos, a verdadeira ocupação pelas famílias dos colonos. Contudo, talvez por circunstâncias agora e para sempre desconhecidas, ou por efeito

⁽¹⁾ DR. VELHO ARRUDA—*Colecção de Documentos, etc.* Ponta Delgada, 1932, págs. XC e XCI.

de represas e charcos de água logo tentados aqui, o gado não teria morrido de sede, podendo assim criar-se e reproduzir-se, para alimentar os que haviam de vir a ser seus donos em terra êrma e virgem, no meio do Atlântico.

O povoamento humano já seria regular nas últimas décadas do século xv, correspondendo aos esforços do período da tutoria da Infanta D. Beatriz pelos donatários seus filhos menores, D. João e D. Diogo, duques de Viseu, para que já seja oportuno dar em 1500 foral de vila a Santa Cruz.

O desenvolvimento da sua população durante as capitâneas de Pedro Correia da Cunha e Duarte Correia, seu filho e sucessor, do Marechal D. Fernando Coutinho (1507) e do seu filho D. Álvaro (1510), deduz-se e prova-se pelos restos de arquitectura manuelina que nesta vila subsistem. Êles importam, seguramente, a presença de famílias com morada e assento definitivo, em número bastante para justificar a

necessidade e utilização de tais construções.

Está de pé, e ainda a servir, o baptistério da primitiva igreja manuelina, iluminado por linda rosácea, coberto por abóbada cruzada, com bocetes floreados, e para o qual se entra por um portal redondo, de arquivoltas lisas e sem ornatos. À mesma época se ligam as arcadas e colunas das naves da matriz, caprichosamente pintalegradas muitas vezes.

Pode ver-se a abside da ermida de Nossa Senhora da Ajuda, igualmente abobadada, com nervuras a rematar num círculo ornado de oito bocetes e rosetão central, e sustida por gigantes.

Deveriam êles acompanhar todo o edificio, pois ainda se conservam dois a amparar os cunhais da frontaria, agora já descaracterizada pela reconstrução do século XVIII.

Na cimalha também se vêem alguns merlões (?) já meio desfeitos pela erosão, mas que auxiliam a reconstituir o primitivo conjunto.

Aqui, numa ilha, seria fácil atribuir estas obras (e outras que deveria haver) a um período já avançado de Quinhentos, para a hipótese de vermos nelle casos de estilo manuelino arcaico, se não tivéssemos ainda de pé uma porta ogival que liga a abside desta ermida com a sacristia. Tal facto induz-nos a fixar a época das construções no primeiro quartel do século. Em nenhum dos ornatos se descobre qualquer representação da conhecida emblemática do Venturoso, talvez porque a pedra empregada não consentisse grandes labores decorativos.

A êsse período de engrandecimento da vila de Santa Cruz pertence um formoso cruzeiro, agora erguido em frente do Pôrto da Barra sôbre cinco degraus octogonais, lendo-se num dêles a seguinte inscrição:

Foi posto em 1520—Removido em 1867. O. P. Na esfera que assenta no tópo da haste monolítica, de cêrca de quatro metros, vê-se um letreiro meio

apagado, com o nome de António de Freitas, conforme refere a monografia de Canto Moniz (1).

Em volta dêste monumento circulam lendas piedosas, a sagrá-lo de místico sentido, atribuindo-se carácter maravilhoso à própria matéria de que o cruzeiro é feito, flexível na sua haste aos temporais e tufões, segundo afirmam, e a cujo ímpeto a pedra natural não poderia resistir.

Em rocha estranha é êle trabalhado, com certeza, de composição e coloração desconhecidas para mim, em pouco ou nada danificado pela erosão salina, e para esta ilha deve ter sido transportado pelo seu ofertário, talvez o fundador da velha ermida de São Sebastião no Pôrto da Barra.

Importaria identificar esta personagem de António de Freitas que se presume

(1) *Ilha Graciosa (Açores)—Descripção Historica e Topografica* por ANTONIO BORGES DO CANTO MONIZ, chefe de secção do corpo n.º 4 da fiscalização externa das Alfandegas. Angra do Heroísmo, Imprensa da Junta Geral, 1884.

seja de alguma importância na história da Graciosa.

Dêse tempo da primeira grandeza da vila, guarda-se na matriz um lindo cálice manuelino-renascimento, de prata dourada, com anéis de esmalte no pé, e que fêz parte da colecção de vasos sagrados que à igreja quinhentista teriam pertencido.

E para mais alto interêsse da arte da pintura em todo o arquipélago, no altar-mor da matriz estão expostos, como incrustados em talha dourada de boa época, cinco quadros quinhentistas, pintados em madeira, a que pode juntar-se outro do mesmo tempo, representando o Calvário, trazido recentemente do Convento de São Francisco. Êles representam os milagres da Invenção e da Exaltação da Cruz, o Caminho do Calvário e o Descimento. Do painel colocado mais alto, não se pode conhecer o tema, por falta de luz na igreja. Pelos assuntos naqueles tratados, deve inferir-se, com tôda a probabilidade, que tenham sido pintados por

encomenda para êste templo, há mais de quatro séculos. Exigindo êles mais demoradas referências, para quando seja possível observá-los de perto e a luz conveniente, desde já pode afirmar-se que na matriz desta vila se encontra um valioso documentário de pintura primitiva, digno do estudo e do aprêço merecidos pelas notáveis obras do património artístico nacional.

*
* *
*

Vão correndo agrestes os dias dêste mês, tempo sempre vário, com céu pesado e baço, a desmentir a doce primavera insular, de celebrada fama.

Pelos ares, quando o sol pode romper o velário úmido, com alegria trilam os passaritos, lentamente cruzam, a pairar, os queimados, êsses pequenos rapineiros que aos nautas do descobrimento pareceram legítimos açores.

Em vez de águias e rouxinóis, ouvem-se milhafres e canários, por acomoda-

ção da natureza à pequena ilha ou por mais fiel projecção simbólica e verbal de outra gente. De clima distante, para aqui mandou ela a sua mensagem de exacto e precioso sentido, para ilustrar com verdade um futuro livro de aves canoras e de prêsa. . .

Vagueando por estradas vermelhas e escuras, sôbre a areia vulcânica que as cobre, entre renovos e flores do mato, vão os meus passos sem destino, no livre sonho de ver o que outros não sonham nem realizam, a bem da terra e da gente portuguesa.

No meio dos que passam em busca do pão quotidiano, homens morenos, de enxadas reluzentes, ou a guiar pela sôga vacas criadeiras, recortam-se perfis nórdicos de raparigas, de cabelos ruivos e face láctea, talvez provindas de velhas estirpes flamengas, tôdas a entender-se em falas de cantada melodia.

Não servindo aqui para nada, salvo para dificultar o trânsito dos que levam destino útil, enquanto não me remove-

rem, vou-me considerando o primeiro donatário da alma da Ilha Graciosa que lá me obrigaram a descobrir, em boa ou má hora, para aqui ver oscilar, ao parecer dos olhos, *o lindo açafate de flores* sôbre salva azul, lavrada nos vivos relevos da prata do Mar.

19 de Abril de 1940.

COROAÇÕES — IMPÉRIOS

NESTES domingos das oitavas da Páscoa, até à Trindade, enquanto o sino dobra para a missa conventual, as ruas da vila animam-se de repetidas procissões, abertas em longas filas de gente, com seus bordões de romeiros. E todos a cantar atrás de guiões vermelhos, seguem lentamente, acompanhando vistosas coroas e cetros de prata que vão ser levados ao altar do Espírito Santo.

Vivemos agora no período litúrgico das *coroações* e *impérios*, festividades de viva e remota tradição nos Açores. São celebrações muito faladas e largamente descritas em todo o Arquipélago, para